

ELEONORA AMARAL DE ANGELIS: CRISTAL SONORO DOS CAMPOS GERAIS

Denis Rafael Albach*
Luísa Cristina dos Santos Fontes**

Eleonora Amaral de Angelis vem de uma geração de antecedentes caracterizados por laços poéticos. Nascida na cidade de Guarapuava no dia oito de julho de 1905, Eleonora era licenciada em Letras Neolatinas em Ponta Grossa e foi professora pela Escola Normal. Lecionou Latim, Português e História. Foi também diretora do Grupo Escolar Prof. Júlio Teodorico.

Descendente da decana das poetisas paranaenses Maria Cândida de Jesus Camargo, é irmã do poeta Otávio Camargo e prima da acadêmica Mary Camargo.

Autora de dois livros de poesias sob o mesmo título *Cristais Sonoros*, é também autora de várias poesias da antologia pontagrossense. Eleonora engloba em sua obra temas que remetem a sua vivência e a sua descoberta pela região dos campos gerais. Descreve e comenta em seus poemas as cidades pelas quais se encantou, deixando registrado na beleza de suas poesias a cidade de Guarapuava, Guaratuba, Vila Velha, Tibagi, as praças de Curitiba, Camboriú, etc., e outras regiões dos Campos Gerais. Dessa forma, de sua obra se pode resgatar a contemplação da beleza e do encanto que existem nas terras do Paraná.

Com carinho especial exprime a beleza e o encanto da praia de Guaratuba. Em

* Acadêmico do 5. ano do curso de Letras, integrante do Grupo de Pesquisa: Textualidades Contemporâneas, Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher, inscrito no CNPq, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

** Orientadora do ensaio, integrante do Grupo de Pesquisa: Textualidades Contemporâneas, Linha de Pesquisa: Literatura e Mulher, inscrito no CNPq, pela Universidade Estadual de Ponta Grossa.

dois de seus poemas, exalta descrevendo e desenhando com as palavras a paisagem que contempla em *Guaratuba*, título dos poemas que contam a terra admirada pela poeta. No primeiro poema intitulado com o nome da praia há o jogo de cores, de luzes, de beleza que expressam a visão da região. Nele, pode-se ter um imaginário conhecimento deste lugar que para e autora tornou-se fonte de inspiração. Assim como ele, a poeta qualifica as outras diversas regiões do Paraná, resgatando a beleza existencial que a natureza formou. Tanto quando descreve as praças de Curitiba, o rio Tibagi e a região de Vila Velha.

Eleonora de Angelis deixa um convite que exalta seu Estado Natal. Suas poesias estão inseridas de elementos que desenharam a imagem do Paraná e principalmente dos Campos Gerais. São repletos de ilustrações que a natureza criou e que Eleonora compôs em sua obra. Exemplificando aquilo que ela descreve sobre Guaratuba, há no versos abaixo a caracterização desta imagem descrita e contemplada pela autora:

Tuabaía
É vasta e bela,
Nela reflete
Todas as tardinhas
Acorde o caso:
Vermelho, às vezes,
Rosado e claro
Cinzento e escuro
Conforme o tempo;
E assim a vista
Nunca se cansa
De contemplar
Estas paisagens...

Vindo da mesma geração de Maria Cândida de Jesus Camargo que descrevia em sua obra a característica religiosa inserida no cotidiano da vida, Eleonora traça esta mesma denotação cristã quando evoca a Deus a suprema razão da existência. Nos seus diversos versos poéticos adere a esta recordação vinda dos tempos remotos em que se prezava na vida familiar a ligação entre Deus e os homens. Sua obra é um resgate no que diz respeito a este culto de louvor que saúda e exalta a presença de Cristo como escreve nos últimos versos do poema intitulado *Natal*:

Passaram séculos
 E a humanidade
 Prostrada ainda,
 Junto do berço,
 Felizadora
 O Bom-menino
 De Nazaré
 Que assim prossiga
 E aos céus bendiga
 Com o mesmo ardor,
 O do cenome
 Do BOM-SENHOR!

Além de outros temas abordados em sua obra como a recordação da infância, a religião, a inquietação da vida perante a morte, o regionalismo paranaense, o sentimento de morte parece ser o foco principal em seus poemas. Eleonora trabalha a tristeza e a desconsolação da perda como um fato todo natural e irremediável descrevendo a morte como consequência própria da vida. Em quase todos os seus poemas este tema se abrange de forma explícita ou implícita. No poema *Um pinheiro de natal* a poeta narra a trajetória do crescimento de um pinheirinho majestoso até tornar-se uma bela árvore para os dias de natal. Mas numa tarde, porém, fora cortado e deixado num canto emurchecido. É dessa forma que a autora traça o desenvolvimento da vida e da morte. A forma natural pela qual as coisas acontecem está inserida na trajetória da própria vida. Aquilo que existe e não pode ser mudado deve ser encarado como uma inferência real. A morte, portanto, também lhe é a fuga para a angústia da vida. É um consolo para o mistério que oprime ao homem da procura incansável de uma busca ao desconhecido. Se viver é apenas buscar uma solução para uma vida decadente e agonizante, melhor lhe é ter o encontro com a morte.

Segundo Eleonora, no seu poema *Inquietação*, morrer é desprender-se de uma vida de fuga e procura para algo que lhe dê o real sentido para o que falta mas se desconhece. Ainda mais, a morte, o contrário do sufoco da vida, não tem perguntas mas é a solução. No quinto verso do poema a personagem exclama – *Ai! Porque nasci!* A vida lhe é uma interrogação. Um sufoco que oprime e traz dúvidas da existência. De encontro,

a morte é a conclusão de tudo ao que parece sofrível. Nas duas últimas estrofes do soneto o mal antes opressor se desfaz pela tranquilidade da morte.

Inquietação

Presas de uma angústia ela vivia...
Sem descanso, de um lado a outro andava
Buscando algo, talvez que lhe faltava
Que não tinha ela própria não sabia.

- *Ai! Porque nasci! No peito – dizia,*
Sinto uma agonia enorme!... e chorava...
Que destino cruel a maltratava,
Que misterioso mal tanto a oprimia?

Meu coração de irmã ao céu pedia:
- *piedade, Senhor! Tranqüiliza a alma*
da minha pobre irmã!... e, então, um dia
pela primeira vez, vi-a tão calma
na sala... (me ouviria Deus?) junto à porta
parei... Ela sorria – estava morta!

A vida, portanto, é descrita como a ligeira passagem da suavidade da infância para o desatino. Ela a compara como o nascimento, crescimento e o cruel destino de uma flor. A vida, como a flor, surge sentindo-se venturosa em meio a outras flores – assim é a infância. Mais tarde, a chama radiosa do sol pende-a deixando pálida, triste e chorosa. Ao fim, castigada pelo sol cada vez mais forte, já geme ao peso da dor – assim é a velhice. Assim é o cruel destino, versos que finalizassem seu poema *A flor*:

Assim é o cruel destino:
Na infância, é suavidade,
Mais tarde, num desatino
Latega sem caridade!

Em contrapartida, como para a autora a morte contradiz a toda opressão da vida, morrer seria válido se viver fosse desgastante. É no poema *Morrer* que Eleonora de Angelis dá a sua conclusão diante dos temas vida e morte. Ela trabalha o fato de que o seguimento da existência humana deve ser completo em si só, repleto de sentimentos que não destruam o coração humano, mas ao contrário, seja a vida cheia de vida e alegria. É admirável como a poeta, num pequeno poema de oito versos traduz sob o seu foco literário tudo o que concerne a viver e morrer. No poema, a poeta é objetiva diante ao declarar que viver-se agonizando é pior do que morrer de uma só vez. E encerra o poema enfatizando seu lado positivo diante da morte quando diz *Melhor seria morrer com muita vida*. Deste ângulo, mais uma vez, fica explícito sua preferência a aprofundar-se e desnudar, trazendo à luz, o sentimento da morte. No poema que se segue nota-se essa facilidade com que a autora focaliza e deixa evidente sua predileção por este assunto.

Viver-se agonizando a cada instante
É pior do que morrer de uma só vez!
Sentir a morte e vê-la tão distante
Cruel suplício—o mais atroz, talvez!...
Amarga não seria a despedida.
Se de um só golpe se cortasse a sorte...
Melhor seria morrer com muita vida
Do que viver prostrada pela morte.